

Considerações sobre *Breve romance do sonho* de A. Schnitzler

Fabiano Pio da Silva

UERJ

Introdução

Em *Breve romance de sonho*, de Arthur Schnitzler, tem-se uma abordagem sobre o Homem que tenta responder, de forma satisfatória, ao seu instinto e que para tal feito acaba deparando-se com uma outra realidade, a dele. Essa mesma realidade se mostra forte e chocante quando envolvida diretamente em um mundo marginalizado por uma sociedade, a qual “vive” sob padrões ou dogmas que a impulsionam, mas que também é a responsável pela mesma realidade por ela excluída.

O desejo, o instinto, o impulso, o anseio ou a vontade são as forças que movem Fridolin a buscar uma forma de traição, na tentativa de restabelecer, diante de sua esposa Albertine, sua posição social de homem, de marido e de pai, que fora posta em “xeque”. O sexo, um dos grandes tabus da sociedade, talvez seja o principal elemento da referida novela, visto que sua participação envolve Fridolin em um mundo no qual a sua vida social até então não tinha lhe permitido enxergar.

Manter a máscara no mundo marginalizado é necessário para se sustentar a ordem dos dois mundos.

2 – Instinto mobilizador

Arthur Schnitzler apresenta ao leitor uma possibilidade, fora daquilo que se considera real, de se poder ver o mundo de outra forma. Mas seria outra “forma” ou seria uma outra realidade que os olhos do Homem negam-se a enxergar? Não há garantias de que tudo o que se vê diante de si seja ou não real. Assim, muitas das vontades, dos desejos ou dos impulsos são podadas ou inibidas por completo.

O subjetivo perde lugar para o objetivo, com o intuito de prevalecerem a razão e a consciência.

O Homem não pode alimentar os seus estados selvagem ou primitivo, não pode dizer aquilo que realmente tem em mente. Ele é fruto de um meio castrador, que inibe os desejos mais íntimos e escondidos, vivendo sob uma “casca” dura.

Schnitzler “quebra” essa casca no livro *Breve romance de sonho* dando voz a uma mulher, que é esposa e mãe, quando a mesma deixa seus desejos sexuais aflorarem em uma revelação assustadora para o marido. Este fica perplexo ao se deparar com sua esposa confidenciando-lhe pensamentos, que para ele, ela jamais teve em sua vida. Trata-se de Albertine e Fridolin, personagens casados na novela e que levam, aparentemente, uma vida feliz e confortável. Após a revelação da esposa, Fridolin vê-se em uma situação tormentosa, pois achava que ela nunca se sentira disposta a largar tudo o que poderia ter com o casamento por uma aventura com um desconhecido. A estabilidade não poderia perder lugar para uma atitude impensável.

No capítulo 01, o diálogo entre os dois, a respeito de um baile na noite anterior, acaba sendo revelador, o qual é conduzido de forma ambígua, deixando ambos sem a certeza daquilo que é dito pelo parceiro: “Perguntas inocentes, mas perscrutadoras, respostas astuciosas e ambíguas (...); a nenhum dos dois escapava que o outro não fazia uso de toda a honestidade, (...) ambos se sentiam dispostos a pequenas vinganças.” (p. 07).

O sentimento de traição corrói a alma de Fridolin, já que Albertine sentiu, pelo menos uma vez na vida, o desejo por outro homem. Aquilo o deixa consternado e surge nele a vontade de também trair a esposa, sente-se no mesmo direito de fazer algo contra ela. O simples desejo oculto da esposa, que acabara de ser exposto, causa um abalo, e ela, debochadamente, sorri à sua frente, como se o raciocínio do marido fosse infantil e ingênuo.

Nota-se que aquele diálogo ocorria em um cenário sombrio e escuro, que estará sempre presente em toda a narrativa. A revelação de Fridolin, posterior a de sua esposa, é feita diante da janela e com o rosto escondido pela escuridão. Pode-se relacionar a Escuridão com os momentos de revelação do mais íntimo

desejo, o qual é guardado a ponto de ser esquecido, mas que surge quando algo externo choca o interior do Homem. Quando o conhecimento dos anseios vem à tona, é preciso que se faça sob uma proteção, uma capa que esconda o rosto, criando outra pessoa diferente daquela que faz uma revelação. E vindo do interior, o desejo, a vontade ou qualquer outro sentimento natural coibido será de “outro” Homem.

Aquela conversa com Albertine é o estopim para uma busca, que oscila entre o inconsciente e o consciente, de Fridolin na tentativa de traí-la. Com o seu posto de marido, de pai e de homem arranhado, ele percorre agora por turbulentos e tortuosos caminhos guiados pela sua intuição. Caminhos pouco iluminados ou sombrios que servirão de fundo para pôr em prática aquilo que grita dentro dele. Fridolin mergulha em um oceano de perversões, de ameaças, de perseguições, de violência e de insinuações de assassinatos. Agora o que move o mundo é o desejo e suas distorções. Vendo-se diante da possibilidade de concretizar o que tem em mente, ele acaba julgando os dois mundos em que se encontra, não sabendo o que está certo ou errado. Acaba confundindo-se a si mesmo.

Chegando a casa de um de seus pacientes que morrera, a filha desse, acaba fazendo a Fridolin, declaradamente, revelações de amor. Ele já tinha idéia dos sentimentos de Marianne, mas sempre fingiu desconhecer realmente o que ela sempre sentia. Então, em uma situação de desespero, em que a moça, não querendo se casar com seu noivo e tendo ali, a seu lado, o corpo do pai, decide contar o que deixava privado no seu interior. Mais uma vez a ausência de luz é narrada: “À presença do médico, ela voltara o olhar em sua direção, mas, em virtude da iluminação escassa, ele mal podia ver se suas faces haviam se enrubescido, como sempre ocorria quando ele chegava”. (p. 16).

O fato de o pai ter morrido pode ter estimulado a moça a exteriorizar seu sentimento, sem se preocupar com o depois, demonstrando aquilo que ela sempre nutriu por Fridolin. Em seguida, Fridolin questiona-se a respeito do casamento que a jovem terá: “Então esse professor vai casar com ela? Por que ela está fazendo isso? Com certeza, não o ama, e nem ele haverá de ter muito dinheiro. No que se

transformará um casamento assim? Bom, será um casamento como milhares de outros” (p. 17).

É certo que ele não pensa que o casamento o qual leva com Albertine pode ser igual ao que está reservado para Marianne, mas isso será “revelado” para ele quase no final da narrativa, onde ele constatará que a vida que tem pode não ser assim tão perfeita como ele pensa. Um casamento como o de Marianne pode dar certo? Tem-se, nesse momento, uma situação imposta pela sociedade, na qual ela se via obrigada a casar, já que estava tudo “certo” para isso. O costume deve ser seguido e não se podiam dar asas àquilo que o mais instinto desejo queira. O seu noivo possuía uma posição social reconhecida e tinha um futuro brilhante a sua espera, mas ela não o amava.

Marianne vive, em sua casa, junto com Fridolin, o mesmo que Albertine viveu antes de seu casamento: a espera de uma resposta positiva, uma única palavra certa para ela, a fim de que pudesse largar tudo e ir embora com o jovem rapaz, deixando para trás qualquer receio ou culpa. Ambas alimentam os seus anseios, mas também não conseguem concretizar o que desejam. Fridolin dá as costas, desejando um bom casamento à moça.

Será que quando se está com uma idade madura, a razão fala mais alto do que a emoção, não dando ouvidos para ela? O medo fala mais alto e impede qualquer retorno favorável. A análise das conseqüências e efeitos acaba impedindo que se tenha uma atitude tomada de súbito. Mas quando se é jovem e não se tem, ao seu alcance, qualquer coisa que o impeça de fazer o que bem entender? O jovem age por instinto muitas vezes e depois mede as conseqüências de seus atos. Não está preocupado com aquilo que os outros pensam sobre ele, não tem responsabilidades que o fazem caminhar sobre os trilho que dominam seus ímpetos. Assim é com o estudante, que andando com um grupo pela rua mal iluminada, esbarra propositalmente em Fridolin: “(...) só o último (...) uma venda no olho esquerdo, pareceu permanecer deliberadamente um pouco para trás e, com os cotovelos afastados, deu-lhe um esbarrão. Não poderia ter sido sem querer”. (p. 25).

O que aquele jovem teria contra Fridolin? Talvez uma briga ou simplesmente nada. O esbarrão pode ter sido apenas um ato, instinto natural não contido, a fim de ver no que resultaria. Porém, Fridolin permanece imóvel. Em alguns instantes seu coração pulsa tão forte, mas acaba sendo julgado como medo. No entanto, a pulsação e a adrenalina que correram por seu sangue podem ter sido o desejo de ir de encontro ao jovem e revidar o encontro. A racionalidade falou mais alto e impediu-o: “(...) E vou me atracar agora com um estudante bêbado- eu, um homem de trinta e cinco anos, médico formado, casado e pai de uma filha?(...) Não poder trabalhar por uma ou duas semanas? Ou perder um olho?” (p. 25).

O sentimento puro e inconsciente é “preso”. A sociedade o impede de fazer o mesmo que lhe fizeram, mas, quando fora jovem, chegou a desafiar três vezes outra pessoa. Quando jovem, quando não tinha nada a temer e nada a zelar. Agora não podia. Havia pessoas que dependiam dele, de sua profissão e de sua vida. O seu *status*, o seu papel diante da sociedade o impedia de qualquer reação impensada.

Não muito tempo depois daquele acontecimento narrado, Fridolin vê-se em contato com o mundo das prostitutas. Um mundo, que quando jovem, freqüentava, mas que naquele momento não se via mais como um participante dele. Vagando sem destino e sem pensar muito sobre onde seus passos o levavam, estava como se estivesse além do seu mundo e, como de relance, se via agora com três prostitutas rodeando-o a fim de atraí-lo como um cliente. A repulsa por aquele ambiente e pelas pessoas que estavam nele fê-lo pensar em sua família, que também lhe causa aversão. Via-se sem um lugar, um porto-seguro onde pudesse se abrigar. Os mundos perdiam-se para ele, tanto aquele em que vivia como casado, quanto aquele que havia esquecido. E, respectivamente, ele sentia-se livre, sem obrigações com qualquer dos dois universos:

(...) também Albertine pairava-lhe na mente dormindo (...); e mesmo sua filha (...), e a governanta (...) - todas essas pessoas perdiam-se agora para ele no reino do fantasmagórico. E nessa sensação, embora ela lhe provocasse arrepios, havia igualmente algo tranquilizador, algo que parecia libertá-lo de toda a responsabilidade, e mesmo desprendê-lo de todo o relacionamento humano. (p. 26)

O choque entre os dois mundos ocorre; o mundo “correto” da sociedade e o mundo marginalizado. Chamando-o de “doutor” ela demonstra que não é preciso conhecer o nome de ninguém, apenas saber o cargo que ele exerce na vida e todos por aquela cidade, quando possuem um nível social diferente do dela, sempre serão chamados de “doutor”. Cada um sabe, e deve saber, o papel que executa dentro de uma escala social, mesmo que para isso seja preciso deixar de fazer o que realmente sente vontade. E Fridolin estava ali, desimpedido e inconscientemente procurando concretizar a traição contra Albertine. Sem menos perceber, após alguma resistência, ele já estava dentro do cubículo dormitório da prostituta: “(...) Vamos logo!”, disse, a vê-lo hesitar. De repente, ele estava ao lado dela; às suas costas, a porta se fechara; ela a trancou, acendeu uma velinha e pôs a iluminar o caminho para ele.” (p. 27).

A porta se fechara, separando os dois mundos, a prostituta acende uma vela que irá iluminar o caminho dele. “Iluminar” aquilo que ele procurava, aquilo que ele tentava fazer e não compreendia como estava sendo em prática. É claro que não se trata mais de uma razão falando mais alto agora. Tem-se o instinto natural dele sendo correspondido de alguma forma, após aquela ruptura com o seu mundo familiar, o mundo que lhe coibia sempre. O mesmo mundo onde estava sua esposa em casa, dormindo. Porém, ele não consegue trair Albertine e a jovem prostituta novamente acende uma vela, iluminando o caminho até a porta, e o leva de volta para o mundo racional. A mesma porta que antes se fechara para o mundo dele, agora se fechava para o mundo dela.

A mente de Fridolin começa a divagar e a questionar o que fazer dali em diante, tinha que regressar para casa, mas no fundo, algo lhe dizia que não queria. Ainda tinha que fazer algo naquela noite em razão da confissão de sua esposa ter-lhe agredido. A sua posição, o seu papel diante daquela sociedade havia sido corrompido e ele precisava de algo para se recolocar como antes.

Sentia-se com um apátrida, um excluído, desde o repugnante encontro com os estudantes... ou desde a confissão de Marianne?(..)- desde a conversa noturna com Albertine, ele se afastava cada vez mais do território familiar da sua existência rumo a um outro mundo qualquer, distante e estranho. (p. 31)

Ele se afastava e era conduzido para um mundo “desconhecido”, mas era um mundo real que sempre existiu, que sempre esteve à frente dele, mas nunca quis enxergar ou nunca pôde. Cego pelos conceitos que deveria seguir, pelos encargos e pelas funções que exercia, pelo casamento que acreditava ser imaculado, no qual a esposa se sentia satisfeita pela segurança que proporcionava. Não podia imaginar que aquele seu “mundo” estivesse errado ou que não fosse real. Não achava que pudesse existir nada além da racionalidade. No entanto, Albertine mostrou-lhe que não era bem assim como supunha. Existem outros sentimentos que estão “escondidos” na escuridão e que só podem ser revelados nela.

O encontro com um antigo amigo é a grande guinada da novela. Nachtigall é pianista e está em um café à espera de um carro que irá levá-lo a uma casa com pessoas que ele nunca vira antes. O amigo quer saber o porquê de tantos mistérios, mas nem o próprio Nachtigall sabe. A única coisa que pode contar, pois podia fazer, é que vê, através de um pano de seda preto e no reflexo de um espelho, uma orgia. Mas não consegue ver quem são os participantes, já que todos eles estão mascarados.

A curiosidade aguça o instinto de Fridolin. O desejo grita, o ímpeto selvagem do Homem aparece e move agora seus passos. A vontade de seguir o amigo até a casa é incontrolável. A idéia de risco e perigo são as chamas que queimam o seu interior e dizem o que deve ser feito: “Já sei que é “perigoso”... talvez seja isso que me atrai.” (p. 38).

Antes de chegar a tal casa, Fridolin precisa de uma fantasia com máscara. Ele vai até uma loja que aluga o material e lá presencia uma cena inesperada: O dono da mesma tem uma filha que ele considera louca. E durante a permanência de Fridolin no local, o senhor Gibiser flagra a menina e dois senescais mascarados “brincando” com a jovem. Tudo acontecia no escuro, novamente o cenário pouco ou não iluminado nutre a imaginação e propicia o despertar daquilo que se esconde. Os dois homens com uma jovem, quase criança, é uma ação pedófila que só pode ser realizada sob esses aspectos. Não poderiam, sob as luzes e os olhares alheios, envolverem-se com uma jovem daquela idade,

precisavam esconder os seus desejos sexuais. Daquela loja, ele segue o carro de Nachtigall até chegar a casa onde acontecerá a festa sexual, a orgia em si.

2.1 – O mundo das máscaras

Dentro do carro, Fridolin percebe que está na fronteira entre os dois universos, as duas realidades que se demonstravam a ele. A certeza, de que depois de tudo, sua vida continuará a mesma que leva é o pilar que o sustenta para adentrar naquele mundo “novo”. A fantasia e a máscara são postas. Mas não são simplesmente postas. Neste instante, ele sabe que elas existem e são necessárias para participar de um tipo de vida que ele nunca pensou haver. Aquele mundo familiar é escondido e ao mundo desconhecido é dada a voz, o sentimento... a vida.

Na casa há vários casais, todos fantasiados e mascarados. Aquele é o mundo do instinto que percorre por entre corpos e sangue. É um mundo libertino e livre movido pelo sexo. O sexo no seu mais puro estado livre, sem compromisso e sem pudor, mas respeitando as regras daquele mundo. Fridolin vê-se em outro universo que possui as suas próprias regras e elas não podem ser quebradas ou violadas. Assim como o outro que ele conhece e vive com sua família, dentro da casa existe um código de ética a ser seguido. Os dois mundos se invertem e agora, aquele que sempre existiu e sempre foi marginalizado ou esquecido, faz-se presente. Ouve o clamor dos instintos, do interior do Homem que não poda e não julga aquilo que faz. Não há o medo, a culpa, o receio ou a covardia.

As máscaras protegem não só os rostos, como também ajudam a expor o que se deseja. Elas escondem a face do outro mundo sensato, que tem compostura, vive sob dogmas ou conceitos sociais de homens e mulheres hipócritas. O que é proibido ficou da porta para fora e a “dignidade” de todos é resguardada por máscaras. Homens e mulheres, que possuem outra vida diferente daquela, agora podem, sem temer, dar asas aos desejos. Fridolin segue instintivamente por dentro da casa: “Não, não posso voltar, pensou. Tenho de

seguir meu caminho, nem que seja para a morte. E riu-se ele próprio de sua grandiloqüência, embora não se sentisse particularmente alegre.” (pp. 44-45).

Delicia-se com o que pode ver, o novo é admirado, palpável e prazeroso. Seus passos não são mais guiados pela razão. Está completamente fascinado. Embora reconhecido por uma jovem e aconselhado a sair daquele local, ele permanece ali, tentando identificar o que acontecia. Sua mente pergunta se era um teste, uma aprovação para poder ter o seu ápice com a mesma jovem. A sedução o envolve, deixando-o embriagado de êxtase, ao mesmo tempo em que a razão e a emoção se confundem nele.

Fridolin parecia inebriado, não apenas dela, de seu corpo perfumado, sua boca vermelha e ardente; não apenas da atmosfera daquele salão, dos voluptuosos segredos que circundavam ali – estava ao mesmo tempo embriagado e sedento em razão dos acontecimentos daquela noite, nenhum dos quais tivera um fecho; embriagado e sedento em si próprio, de sua ousadia, da transformação que sentia no íntimo. (p. 50)

O que estava acontecendo ardia na cabeça de Fridolin. O local exercia sobre ele certa fascinação, razão esta que pode tê-lo “denunciado” aos demais. Ele não agia da mesma forma que os outros, ele era “diferente”. Ele não pertencia àquele mundo. E assim sendo, é descoberto pelos integrantes da casa. Questionado qual seria a senha do interior da casa, ele não sabe responder. Então, feito um fogo que se alastra em palha seca, os membros daquela sociedade exigem-lhe que retire a máscara. Isso o deixa indignado, visto que não se sentia bem com a idéia de estar em desacordo com os demais. Tirar a máscara, expor seu rosto diante de outros mascarados seria o mesmo que se ver nu, se ver fora daquele universo voluptuoso. E ele precisava estar em algum “lugar”.

Tire a máscara!”, foram logo gritando alguns. Como se para proteger-se, Fridolin mantinha os braços estendidos à frente. Ser o único com o rosto descoberto e meio a tantos mascarados ter-lhe-ia parecido mil vezes pior do que se ver subitamente nu entre pessoas vestidas. Com voz firme, disse: “Se algum dos cavalheiros sente-se ofendido em sua honra com minha presença, estou pronto a oferecer-lhe reparação da forma habitual. A máscara, contudo, somente a retiro se todos os senhores fizerem o mesmo, cavalheiros. (p. 52)

A máscara era sua proteção, seu convite àquele mundo, ali ele se sentia bem. No entanto, a máscara evitava ser dito, seja lá o que fosse, a pessoa “Fridolin”. Seria dito a uma pessoa qualquer, sem identidade diante da maioria dos integrantes do lugar: “Tire a máscara! (...) O que o espera, queremos dizê-lo na sua cara, e não para uma máscara.”(p.52).

Dizer “na sua cara” é dizer ao homem que ali estava e não à fantasia presente. Não fazia parte deles e então viam-se no direito de exigir dele uma “expição”. Aquela situação provoca em Fridolin o seu “retorno” ao mundo familiar, pois que ele reconhece não fazer parte daquele jogo sexual e percebe que todos ali são como ele, com a única diferença de não viver duas vidas por vontade própria e sim por escolher apenas uma.

(...) Sejam os senhores quem forem, decerto levam outra vida que não esta. Eu, porém, não estou representando comédia alguma, nem mesmo aqui, e, se me vi obrigado a fazê-lo até agora, para mim chega. Sinto que me embrenhei num destino que nada mais tem a ver com esta mascarada, e quero declarar aos senhores o meu nome, arrancar a minha máscara, assumindo as conseqüências disso. (p. 53).

Identificar-se é dizer para si mesmo quem é, recusando qualquer forma de vida que não seja aquela escolhida por ele. Não importava as conseqüências de seu ato iminente, mas sim deixar claro a quem interessasse que ele não fazia parte de toda aquela orgia, aquela vida que estava em desacordo com a que ele sempre levou e sempre considerou correta.

Diante do “sacrifício” da moça que lhe aconselhara a sair, Fridolin pode voltar para o mundo familiar. Neste mundo ele percebe que toda a sua vida é mentirosa e falsa, seu cotidiano não é real, nem sua família e sua profissão. Estava “perdido” e sem rumo certo a seguir.

Mas o que faria agora? Iria para casa? Aonde mais? (...) E amanhã? Faria o quê? E como? Sentia-se atabalhado, desamparado, tudo lhe escorria por entre os dedos; tudo se tornava irreal, até mesmo seu lar, sua esposa, sua filha, sua profissão, e até ele próprio, caminhando mecanicamente pelas ruas noturnas, os pensamentos divagando sem rumo. (p. 80).

Tudo agora parece ser guiado pelo seu instinto: caminha até se ver diante do cubículo da prostituta ou diante da casa de Marianne. À procura do destino final daquela jovem na casa dos mascarados, acaba em um hospital e, novamente, o seu desejo o guia, levando até o leito do corpo dela, que fora parar ali por envenenamento: “(...) Ainda assim, como se, de repente, algo o atraísse, Fridolin caminhou rumo ao fundo da sala, de onde lhe chegava o brilho pálido de um corpo de mulher.” (p. 89).

E, identificando a possível jovem, algo no seu interior é estimulado por aquele sentimento de compaixão ou outro semelhante, a ponto de assustar o outro médico que lhe acompanhava.

(..) Involuntariamente, como se compelido e conduzido por um poder invisível, Fridolin pôs-se a tocar com as duas mãos a testa, (...) da mulher morta; depois, tal qual num jogo amoroso, entrelaçou seus dedos aos da morta e, rijos como estavam, pareceu-lhe que os dedos buscavam se mover (...) sim, pareceu que um olhar distante e sem cor vagava sob as pálpebras semicerradas à procura do seu; e, atraído como por magia, ele se curvou sobre ela. (p. 91).

Retornando para a sua casa, Fridolin decide contar toda a sua aventura para Albertine, que por sua vez não se vê chocada e acaba aceitando tudo com naturalidade. O casal continua junto e segue com sua vida como se nada tivesse abalado a sua estrutura. Fridolin aceita os sonhos e desejos de Albertine, enquanto ela também se conforma com as declarações dele. Não há a culpa e sim um reconhecimento de igualdade entre homem e mulher.

3 – A máscara que esconde e revela

Pode-se pensar que o instinto, antes coibido e possivelmente esquecido, agora estava presente e podia ser visto como algo natural mesmo diante de uma sociedade que proíbe a sua exposição, porque é necessário viver de forma já pré-estabelecida. A hipocrisia desta mesma sociedade é vista de forma escancarada dentro da casa dos mascarados, onde todos podiam saber que cada integrante é participante de uma comunidade que, enquanto critica e poda os instintos ou desejos do Homem, concomitantemente também participa da concretização

desses desejos. Porém, para isto ser feito é necessário que se haja uma “máscara”, uma fantasia, uma casca protetora que não permita a identificação daqueles que o fazem.

Além disso, a Escuridão proporciona sempre a realização dos sentimentos inibidos. Pode-se expor, sem medo ou receio, aquilo que sempre se tem no interior do Homem, que é alimentado inconscientemente mas que, algum dia, por diversos motivos, especialmente quando o meio externo lhe causa algum tipo de choque, vem à tona. Deixa-se transpassar o subjetivo de forma que as vontades, os sentimentos ou os pensamentos retidos em algum lugar e por imposições sejam expressos sem a culpa presente.

A máscara esconde a face e a identidade daquilo que se expõe de costumeiro, mas também proporciona a exibição da outra face e da outra identidade do Homem.

Referências Bibliográficas

SCHNITZLER, Arthur. Breve romance de sonho. Tradução: Sérgio Tellaroli. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

CARVALHO, Bernardo. Filme dissolve horror de “Traumnovelle”. On-line disponível na Internet via <http://paginas.terra.com.br/arte/culturainformacao/horrorkubrick.html>. Arquivo consultado em 12 de Agosto de 2006.

TELLES, Sérgio. Kubrick e Schnitzler, uma incursão no “Unheimliche”. On-line disponível na Internet via <http://www.polbr.med.br/arquivo/psi1099.htm>. Arquivo consultado em 12 de Agosto de 2006.

De olhos escancaradamente fechados. On-line disponível na Internet via <http://www.temploxv.pro.br/obraxv.aspx?idObra=15706&Entidade=3&idAutor=416>. Arquivo consultado em 12 de Agosto de 2006.